

Etanol

Desequilíbrio a curto prazo

A EXPANSÃO intensa da produção e da comercialização de etanol cria um desequilíbrio a curto prazo. Com preços recordes no petróleo e a preocupação com o aquecimento climático, grandes somas de capitais são aplicados na produção. A resposta da demanda não é simultânea e cria um descompasso com a oferta.

Se a produção dos EUA já chega a 26,2 bilhões de litros, existem outras 73 usinas em construção para engrossar as 130 destilarias existentes no país. A capacidade nacional de produção deverá dobrar até 2010.

A substituição de 20% da gasolina por etanol, conforme prometida pelo presidente Bush, depende de aprovação do Congresso norte americano. Existe uma queda de braço entre os produtores de etanol e de ração e carnes, ambos demandantes de milho.

Nos EUA, a queda na rentabilidade dos produtores causada pelo aumento no preço do milho e a baixa cotação do etanol, adiam investimentos e algumas usinas diminuem o ritmo de produção.

Brasil: exportação de etanol de janeiro a setembro (mil litros)

| Destino | 2006 | 2007 |
|--------------------------|----------------|-----------------|
| EUA | | |
| Direta | 1.320,0 | 812,8 |
| Indireta (via Caribe) | 278,0 | 756,0 |
| Sub-total | 1.598,0 | 1.562,8 |
| Europa | 506,1 | 337,5 |
| Outros | 208,9 | 823,7 |
| Total | 2.313,0 | 2.730,0 |
| Total (jan a dez) | 3.430,0 | 3.100,0* |

Fonte: Secex * Estimativa

EUA: preço do galão de etanol

| Mês | US\$ |
|------------------|------|
| Junho de 2006 | 1,55 |
| Setembro de 2007 | 2,40 |

Fonte: USDA

Nos primeiros nove meses deste ano, apesar de volumes maiores, as exportações de etanol estão com receita 7,8% menor. O preço médio caiu de US\$ 458,60 para US\$ 425,30 por mil litros.

Esse valor está próximo do custo de produção e, com o câmbio atual, o valor em dólar recebido pela usina diminuiu. Ainda assim, os preços de exportação estão ligeiramente melhores que os do mercado interno. Para competir nos Estados Unidos e na Europa, com pagamento das taxas e frete, o metro cúbico do preço FOB, no porto de Santos, deve ser, respectivamente, de US\$ 250 e US\$ 425, segundo a Unica.

Apesar de serem os maiores produtores mundiais de álcool, os EUA continuam como um dos principais importadores do combustível brasileiro. Com a produção concentrada no Meio-Oeste americano, a distribuição para regiões mais distantes do país fica inviável em termos econômicos. Isso acontece com estados como Califórnia, Flórida e Nova York.

Os embarques brasileiros de álcool deste ano, em receita, devem ficar em US\$ 1,27 bilhão, uma diminuição de 20% sobre 2006 (US\$ 1,604 bilhão). Para o mercado americano, os embarques alcançarão até 1,7 bilhão de litros, redução de 22% sobre o ano passado (de 2,2 milhões de litros). A participação dos Estados Unidos no total de embarques do País deve ficar entre 55% e 60%, ante 65% em 2006.

Parte da queda dos embarques brasileiros de álcool para os EUA foi compensada pela maior demanda dos países europeus. As vendas para a UE devem dobrar, para quase 600 milhões de litros este ano, estimuladas pelo maior consumo de álcool combustível.

A produção de etanol na Europa somou 1,59 bilhão de litros em 2006, um aumento de 74% na comparação a 2005, segundo dados da Associação Europeia de Etanol Combustível. A Europa consumiu cerca de 1,7 bilhão de litros no ano passado.

A previsão da produção brasileira de etanol para a atual safra é de 20,5 bilhões de litros, com 19 novas usinas já em operação este ano. Para o próximo, estão previstas mais 30, e outras 23 já estão encaminhadas para 2009. Ainda estão em análise 21 projetos para também entrar em operação em 2009. A maioria deles é destinada a produzir apenas o combustível renovável.

Agora, com o início da entressafra na produção da cana, a situação reverte-se. O estoque de passagem poderá ficar em 7,0 bilhões de litros. Isso é suficiente para quatro meses de consumo interno e uma exportação de 1,0 bilhão de litros. Com esse balanço mais ajustado na oferta e demanda, os preços tendem a ficar mais aquecidos. ■

Relatório é contestado

A proposta de moratória por cinco anos na produção de biocombustíveis obtidos a partir de plantas alimentícias feita pelo relator especial da ONU sobre o Direito à Alimentação, o sociólogo suíço Jean Ziegler provocou grande polêmica no Brasil.

O governo brasileiro contesta o relatório. Por sua vez, a Unica, em conjunto com a Associação Canadense de Combustíveis Renováveis, a Associação de Combustíveis Renováveis dos Estados Unidos e a Associação Europeia do Combustível Bioetanol endereçaram ao secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, carta na qual solicita que o referido relatório seja revisado com base em dados científicos e factuais.